



RECORTES DE IMPRENSA

NOVEMBRO 2013



COM O APOIO:





ODIVELAS

Ação de sensibilização

“Violência Doméstica”

A Câmara Municipal de Odivelas organizou, no dia 11 de outubro, no âmbito Projeto RIIIM (Rede de Intervenção Integrada, Intersectorial e Multidisciplinar no Combate à Violência Doméstica e ao Tráfico de Seres Humanos) A primeira ação de Sensibilização teve como mote a “Violência Doméstica”.



O evento foi realizado no âmbito do Projeto RIIIM para profissionais das várias entidades, empenhadas na construção de uma rede concelhia de intervenção na violência doméstica. Teve lugar no Centro Comunitário e Paroquial da Ramada tendo sido dinamizada pela APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, através da gestora do Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Odivelas, Luísa Walderr. A ação abordou temas

como: vítimas de crime, consequências e reações, direitos das vítimas de crime e seus familiares, sinalização/entidades que geralmente sinalizam pessoas vítimas de crime, o apoio personalizado que prestam às vítimas, tipo de apoios prestados, trabalho efetuado por equipas multidisciplinares, estatísticas locais/nacionais, o facto de esse apoio ser confidencial e gratuito, linha de apoio às vítimas de crime - 707 200 077,

das 10 às 13 horas e das 14 às 17 horas.

Nesta Ação de Sensibilização participaram 22 profissionais, de 10 várias entidades: CMO, CPCJ de Odivelas, CCPR, Escola Secundária da Ramada, GAVO, Hospital Beatriz Ângelo, Unidade de Cuidados na Comunidade “Saúde a seu Lado”; Unidade de Cuidados na Comunidade Nostra Pontinha, UMAR e Polícia de Segurança Pública.



APAV e Atlântida denunciam burla

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a Rádio Atlântida desmentiram ontem estarem envolvidas na realização de uma angariação de fundos a favor de mulheres e crianças vítimas de violência, pelo que classificam de burla uma iniciativa alegadamente realizada com esse propósito e invocando o nome daquelas duas entidades. Em causa estaria a compra de bens de primeira necessidade para mulheres e crianças sob a tutela da APAV. A Atlântida lamenta a situação e pede punição para quem esteja a tentar “extorquir dinheiro para proveito próprio”. ♦ PF



Exposição de fotografia “Olha” de Valter Vinagre

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Galeria Fonseca Macedo – Arte Contemporânea promovem a exposição de fotografia “Olha”. Esta exposição reúne um conjunto de trabalhos do fotógrafo Valter Vinagre, sendo o resultado de uma colaboração com a APAV, com o objetivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal. A exposição estará patente até ao dia 16 de novembro.



Estudo exige um estatuto que dê “dignidade” às vítimas

Um estudo coordenado pela investigadora Maria João Guia, da Universidade de Coimbra (UC), afirma ser urgente a criação de “um estatuto para as vítimas” em Portugal, que nem sempre têm sequer direito à queixa.

Em Portugal, a vítima “só tem o direito à queixa, e nem sempre”, sublinha a especialista, defendendo ser “urgente a criação de um estatuto para as vítimas que lhes conceda a merecida dignidade”.

A lei “ainda está muito focada no arguido. Todos os direitos são concedidos ao arguido e a vítima só agora está a começar a ter relevo”, salienta Maria João Guia, baseada nas conclusões das entrevistas realizadas no âmbito do relatório elaborado na sequência do projeto financiado pela Comissão Europeia “A proteção dos direitos das vítimas na União Europeia; a teoria e a prática da diversidade de tratamento durante os julgamentos criminais”.

Liderado pelo Centro de Direito Constitucional Eu-



Há “grandes melhorias a fazer” para lutar contra o “silêncio das vítimas”

ropeu Themistoklese e pela Fundação Dimitris Tsatsos, em conjunto com o Instituto de Estudos Legais Avançados da Universidade de Londres, “o projeto pretende verificar a implementação” nos Estados membros da UE de uma diretiva do Parlamento e do Conselho europeus, adianta uma nota da UC.

A diretiva, de outubro de 2012, estabelece “normas mínimas relativas aos direi-

tos, ao apoio e à proteção das vítimas da criminalidade, sempre que participam (antes, durante e após) em investigações no âmbito processo penal”.

Propostas de melhoria da legislação

O relatório sobre Portugal vai juntar-se aos dos restantes Estados membros da UE para “ser gerado um macro relatório comparativo com

propostas de melhoria da legislação e das práticas a implementar/reforçar”.

Em relação a Portugal, há “grandes melhorias a fazer” para lutar contra o que a relatora designa de “silêncio das vítimas, nomeadamente as vítimas de crimes violentos”, sublinha a investigadora do Centro de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da UC.

Entres essas “melhorias”,

o documento considera necessárias a indicação de uma instituição que se responsabilize pelo registo da informação relativa às vítimas (“seguindo os casos do princípio até ao fim”), “uma política/estratégia nacional de apoio às vítimas” e o estudo dos espaços dos tribunais, de modo a terem “um lugar para as vítimas e a criação de um estatuto legal para as vítimas”, exemplifica Maria João Guia.

“Tipicamente, a maior parte das vítimas de crimes violentos não procuram apoio do Estado. Estas pessoas são as que não têm dinheiro” e desconhecem os seus direitos, adverte, sustentando que é preciso “inverter o paradigma atual”.

O relatório da equipa da UC resulta de um levantamento da situação nacional e de trabalho no terreno durante vários meses, em que participaram 11 instituições, das quais três órgãos de polícia criminal (GNR, PSP e Serviços de Estrangeiros e Fronteiras), a APAV, a Comissão de Proteção às Vítimas de Crimes, a Comissão para a Igualdade e Cidadania, o Instituto de Medicina Legal, duas ONG (Saúde em Português e Associação para o Planeamento da Família), um advogado e um juiz desembargador.

“
discurso direto

► Todos os direitos são concedidos ao arguido e a vítima só agora está a começar a ter relevo

► A maior parte das vítimas de crimes violentos não procuram apoio do Estado

► Estas pessoas [as vítimas] são as que não têm dinheiro e que desconhecem os seus direitos



Maria João Guia, investigadora da Universidade de Coimbra



ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

Maioria do tráfico visa a exploração sexual

APAV e SEF juntos no combate ao tráfico de pessoas

VÍTIMAS

A APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) formalizaram, ontem, uma colaboração que “já vinha existindo”. Tratou-se de “regulamentar” e formalizar uma cooperação que ambas as instituições querem aprofundar. “Em determinadas operações, programadas, iremos ter elementos da APAV a acompanhar”, disse, ao JN, Jarmela Paulos, do SEF. Será sobretudo em rusgas onde eventualmente estarão vítimas de tráfico (sexual ou laboral) e em que a APAV pensa poder ter um papel de orientação.

“São normalmente estrangeiros que vêm para cá tentar uma vida melhor e que têm muita pouca consciência de que estão a ser vítimas”, explica o presidente da APAV, João Lázaro.

As duas instituições já iniciaram ações de formação recíprocas para que cada parte saiba aquilo que lhe compete. Jarmela Paulos lembra que os inspetores do SEF têm formação para “verificar se

estão, de facto, perante uma vítima de crime ou não. Mas um olhar exterior, é fundamental para uma melhor abordagem”, afirma.

“Nós tentaremos dar um apoio indiferenciado às vítimas, independentemente de colaborarem ou não com as autoridades policiais”, acrescenta João Lázaro. “Mas sabemos que uma vítima que se sente apoiada (por uma entidade não policial) acaba por se tornar mais colaborante”. Tráfico de seres humanos para exploração sexual ou laboral serão as áreas em que a colaboração destas duas entidades vai estreitar-se. Para além deste acordo, foi ontem também firmado um protocolo de cedência de instalações do SEF, em Faro, à APAV. Depois de Lisboa e Porto, é no Algarve se encontra a maior comunidade de imigrantes. CLARA VASCONCELOS

**“SÃO PESSOAS
QUE TÊM POUCA
CONSCIÊNCIA
DE QUE ESTÃO
A SER VÍTIMAS”,
DIZ APAV**



APAV lança concurso de cartazes dirigido a estudantes do ensino superior

●●● A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima acaba de lançar um concurso de cartazes, dirigido aos estudantes do ensino superior residentes ou a estudar no distrito de Coimbra, contando com o apoio da Associação Académica de Coimbra.

Os cartazes devem obedecer à temática da prevenção da violência sexual no en-

sino superior, respeitando os valores da igualdade de género e de oportunidades.

A iniciativa insere-se no âmbito do projeto Unisexo 2 – prevenção da violência sexual no ensino superior e surge depois do lançamento da campanha “Depois do não! pára.”

Com esta iniciativa pretende-se um maior envolvimento dos estudantes

do ensino superior na prevenção de situações de violência sexual ocorridas neste contexto através da prevenção.

A APAV aceita candidaturas até ao dia 30 de dezembro de 2013 e os resultados serão divulgados até dia 24 de janeiro de 2014, sendo atribuído um prémio monetário no valor de 300 euros.



Maioria dos agressores tem pena suspensa ou multa

Joana Ferreira da Costa

Joana.f.costa@sol.pt

Dados revelam que nos tribunais de Lisboa quase 90% dos agressores de violência doméstica saem com pena suspensa. Associações dizem que crime é desvalorizado pelos juízes.

Perto de 90% dos agressores condenados a prisão por violência doméstica nos tribunais de Lisboa sai da sala de audiências com pena suspensa.

Segundo dados do Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) da capital, a que o SOL teve acesso, desde 2010 e até junho deste ano, foram condenados a pena de prisão 170 agressores por este crime. Mas apenas 22 (11%) foram enviados para a cadeia. Aos restantes 148 foi-lhes permitido sair em liberdade, com pena suspensa.

«Estes agressores saem do tribunal com uma sensação de vitória, o que leva as vítimas a pensar que não lhes foi feita Justiça», defende Daniel Cotrim, da Associação Portuguesa de Apoio (APAV).

Para esta associação, o crime tem sido desvalorizado pelos magistrados. **«Há muitos preconceitos nos tribunais»,** acusa Cotrim.

Mas os juízes rejeitam as acusações e garantem que, nos últimos anos, tem-se assistido a um aumento de sentenças de pena efectiva de prisão. **«Fico surpreendido com 11% de condenações. É uma percentagem muito significativa que revela que tem havido uma evolução»,** argumenta ao SOL Mouraz Lopes, presidente da Associação Sindical dos Juizes, acrescentando: **«Se olharmos para traz há apenas dez anos não havia quase condenações».**

Os dados do DIAP de Lisboa, analisados pelo SOL, revelam que só em 2012 houve uma alteração significativa do padrão: dos processos distribuídos, 15 acabaram em condenações com pena de prisão efectiva. Em 2011, só em três dos inquéritos foi decretada esta

pena, mais um do que em 2010. Já este ano, nos primeiros seis meses, apenas dois agressores foram presos depois de julgados.

‘Aumento da pena não é solução’, dizem juizes

Para a APAV a falta de condenações pode deitar por terra os alertas e as campanhas que nos últimos anos têm apelado para que as famílias denunciem estes casos. **«Fica na sociedade a ideia de que o crime ainda compensa»,** defende Daniel Cotrim.

O crime de violência doméstica é punido com uma pena até cinco anos. Nos casos analisados pelo SOL, as 22 penas de prisão efectivas foram em média de 5,2 anos, já que além da violência doméstica, os agressores foram condenados por outros crimes, como tentativa de homicídio ou posse de arma. E apenas um caso atingiu os 18 anos.

Para o presidente da Associação Sindical dos Juizes não é o aumento das condenações a prisão que vai resolver este problema. **«O aumento da pena não é a solução para o problema da violência doméstica»,** diz Mouraz Lopes, que lembra que uma pena suspensa **«é uma condenação».**

O mais importante é que haja

rapidez na punição: **«é preciso eficácia na actuação da polícia, dos investigadores e dos tribunais na execução das penas».** E que se aposte nas medidas de protecção das vítimas.

«A esmagadora maioria dos juizes decreta penas suspensas, mas depois não aplica penas acessórias para proteger as vítimas e evitar os contactos com o agressor», denuncia fonte da Associação de Mulheres Juristas

Nos dados analisados, dos 148 agressores com pena suspensa em apenas 59 casos a saída em liberdade trouxe obrigações. A maioria dos arguidos está sujeita ao regime de prova, como por exemplo, apresentações às autoridades. Há 12 condenados que foram proibidos de contactar com a vítima, mas só num caso foi impedido o contacto com filhos. Há oito agressores cuja pena suspensa depende do tratamento ao álcool. Em apenas três casos os agressores foram condenados a programas de prevenção da violência doméstica.

No mês passado no Parlamento, a secretária de estado da Igualdade, Teresa Morais, garantiu que as queixas de agressões em todo o país não param de crescer, ultrapassando já as 10 mil por ano. Segundo a governante, este aumento de denúncias fez subir o número de agressores presos. Ao todo, nas cadeias portuguesas ou em prisão domiciliária estão 417 pessoas condenadas por violência doméstica.

Associação de Apoio à Vítima quer mão mais pesada para os agressores: «saem do tribunal com a sensação de vitória»





ID: 50689278

08-11-2013

Eliminação da violência contra as mulheres

APAV promove iniciativa na UM Contra a Violência Doméstica



ARQUIVO_DM

A iniciativa decorrerá na Escola de Direito da Universidade do Minho, em Gualtar

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) promove, no próximo dia 25 de novembro, por ocasião do Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, a primeira edição das Jornadas Contra a Violência Doméstica. A iniciativa terá lugar na Escola de Direito da Universidade do Minho (UM), em Braga.

Os mais de 23 anos de experiência da APAV no trabalho quotidiano com vítimas de crime, e muito em especial com vítimas de violência doméstica, testemunham a atualidade deste fenómeno e a necessidade de empreender esforços no sentido da sua erradicação.

Segundo a organização, esta primeira edição das Jornadas contra a Violên-

cia Doméstica reunirá várias perspetivas e olhares sobre a violência doméstica, quer da multidisciplinaridade de experientes profissionais que intervêm e apoiam diretamente estas vítimas, dos académicos que estudam a temática, quer das próprias vítimas.

A iniciativa conta com a presença de Marlene Matos, da Escola de Psicologia

da Universidade do Minho, que fará “Um Olhar sobre a violência doméstica”, Hernâni Veloso Neto, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, de Silvana Freitas, da Equipa Distrital de Emergência Social de Braga. J. Pinto da Costa, Professor Catedrático de Psicologia Forense e Medicina Legal, que abordará “Histórias com finais felizes”, entre outros investigadores.

A sessão de abertura está marcada para as 09h30, e contará com intervenções de João Lázaro, presidente da APAV, Mário Ferreira Monte, presidente da Escola de Direito da UMinho, Soraia Ribeiro, presidente da ELSAUMinho e Ricardo Rio, presidente da Câmara de Braga.

O primeiro painel “Violência Doméstica: Abordagem Psicossocial”, ao passo que o segundo se chama “Violência Doméstica: Contextualização Jurídico-Social”.



IPDJ recebe exposição sobre vítimas de crime

ARTE A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove a exposição de fotografia “Olha”, que reúne um conjunto de trabalhos do fotógrafo Valter Vinagre, sendo o resultado de uma colaboração com a APAV, com o objectivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal.”

Esta exposição itinerante pelas Lojas Ponto JA de todo o país é uma parceria de colaboração que tem vindo a desenvolver-se entre o IPDJ e a APAV (Associação Portuguesa

de Apoio à Vítima).

Depois de ter sido apresentada no IPDJ de Leiria, de 3 a 12 de Setembro, vai estar patente em Viseu no próximo mês de Dezembro. ◀

‘Olha’ reúne trabalhos do fotógrafo Valter Vinagre, em resultado de uma colaboração com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima



Exposição fotográfica da APAV

●●● A exposição de fotografia “Olha”, promovida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), está patente ao público até 21 de novembro na Loja Ponto Ja de Coimbra do IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude.



Fotografia “Olha” é o desafio de Valter Vinagre

“Olha” é a exposição de fotografia de Valter Vinagre, feita em parceria com a APAV - Associação de Apoio à Vítima, com o objetivo de retratar o universo de vítimas de crime em Portugal. Ao todo são vinte fotografias. Valter Vinagre estudou fotografia no ARCO, de “início foi conotado com uma fotografia próxima do registo documental, no entanto, o seu trabalho passou a interiorizar um exercício mais reflexivo sobre a imagem”. ♦

**GALERIA FONSECA MACEDO
ATÉ AMANHÃ**





João Paiva diz ter sido vítima de violência conjugal durante 20 anos

Homens são 15,5% das vítimas de violência conjugal

Especialistas afirmam que muitos não apresentam queixa por vergonha

Leonor Paiva Watson
leonorpaiva@jn.pt

JOÃO FOI VÍTIMA de violência conjugal e chegou a receber tratamento hospitalar. Tem 45 anos, é professor universitário de Física e faz parte de uma estatística crescente que indica que 15,5% das 26 084 queixas apresentadas em 2012 foram feitas por homens. No mesmo ano, 646 homens pediram ajuda à Associação de Apoio à Vítima (APAV).

Ontem, num seminário so-

MAIS INFORMAÇÃO

Violência doméstica sobre idosos aumenta 180%

A APAV recordou que a violência sobre os idosos aumentou 180% desde 2000. Ao JN, Daniel Cotrim afirmou que "nos últimos dois anos se percebe de que esse aumento prende-se com a situação económica das famílias". "Retiram os mais velhos dos lares, porque não os podem pagar, mas não estão preparados para recebê-los, e encontramos-os depois a dormir na cozinha".

Um em cada quatro jovens já foi vítima no namoro

A APAV recordou ainda que um em cada quatro jovens portugueses admite já ter sido vítima de violência no namoro. A especialista Rosa Saavedra diz que, "apesar de condenarem a violência, tendem a desculpá-la depois".

Violência em casais do mesmo sexo

Igualmente, a violência pode ser uma realidade num casal gay. Além da violência psicológica e física, existe ameaça do outing (contar, sem permissão, que o outro é gay).

bre esta temática, organizado pela APAV, João Paiva afirmou que, durante 20 anos, foi sujeito "a violência verbal e psicológica, a empurrões e a desconsiderações" por parte da esposa. Um dia, já depois da separação, foi, alegadamente, "sovado ao ponto de ir parar ao hospital".

"Deu-me murros, não respondi, acabei por tropeçar, caí, e aí deu-me pontapés em todo o lado. Fiquei com um traumatismo crânioencefálico e com costelas partidas, como podem mostrar relatórios clínicos". João disse ainda que está impedido de ver um dos filhos há ano e meio.

Afirma a investigadora Ana Machado, da Universidade do Minho, que "a violência conjugal sobre os homens é bem real" e que, segundo um inquérito online que levou a cabo (com uma amostra não representativa da população nacional), afetou 70% dos homens, no último ano da sua relação.

Concretamente, 69,7% dos entrevistados admitiu ter sofrido de um comportamento abusivo, por parte da companheira. Em 59,7% dos casos, tratou-se de agressão psicológica; e em 25,8% as cenas foram assistidas por outras pessoas, como filhos. Os poucos homens que admitiram ter sido vítimas de violência física "acabaram a não concluir o inquérito", referiu.

Ana Machado diz que "30% dos inquiridos revelou que não se queixou por vergonha". João resume: "Quando um homem apresenta queixa, riem-se dele". ●

EM MUITOS CASOS, A VIOLÊNCIA SOBRE O COMPANHEIRO É PRESENCIADA POR OUTROS

**DISCURSO DIRETO**

JOÃO PAIVA Professor universitário, de 45 anos, e vítima de violência doméstica **sobre a sua experiência**

“Era pontapés e murros até ir para o hospital”

● DÉBORA CARVALHO

Correio da Manhã – Esteve casado durante vinte anos. Quando é que começaram os episódios de violência doméstica e psicológica por parte da sua ex-mulher?

João Paiva – Eu não sei precisar quando é que os episódios de violência física e psicológica começaram, porque levou muito tempo para que eu me reconhecesse como vítima de violência doméstica. A violência psicológica, as ameaças e chantagens eram insustentáveis, mas depois vinham os pedidos de desculpa e explicações. Os meus filhos eram e são a minha prioridade.

– Qual foi a pior situação?

– Foi meses depois de me ter divorciado [o divórcio foi há cinco anos]. Fui lá a casa para ver os meus dois filhos e quando dei por mim estava a levar pontapés, murros e empurrões durante cinco minutos. Apenas me defendia da minha ex-mulher. Fui parar ao hospital com traumatismos, costelas partidas e hematomas graves. Durante muito tempo fechava os olhos e pen-



sava que ela era perturbada. Ela chegou ao ponto de dizer que ela é que era a vítima.

– Quando é que pediu ajuda?

– Os homens esbarram na dificuldade de serem reconhecidos como vítimas, sobretudo pelas entidades de Saúde e Justiça. Ainda há um tratamento muito diferenciado entre homens e mulheres. Fui acompanhado pela APAV e contei com a ajuda de outras pessoas para tentar ultrapassar esta situação.

– As pessoas, principalmente os homens, têm dificuldade em assumir que são vítimas...

– Decidi perder o medo e a vergonha. Com o meu testemunho talvez possa ajudar outras vítimas. Isso deixa-me tranquilo, apesar de ainda haver muita coisa em tribunal e de eu ter sido afastado dos meus filhos (**mais informação na página 20**). ■

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Mais de 4 mil homens são vítimas

■ Os casos de violência doméstica têm aumentado em Portugal, entre casais do mesmo sexo e de sexos diferentes. Em 2012, foram registados 4043 casos de homens vítimas de violência íntima. Só na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, foram feitas 646 queixas. “Há insuficiente reconhecimento pela sociedade, e vergonha e medo dos homens. Entre 25 e 50% das vítimas são homens”, explicou Andreia Machado, da Universidade do Minho, numa conferência sobre o tema, em Lisboa.

Quanto à violência em relações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais e transgéneros, a prevalência é idêntica à dos casais heterossexuais: entre 30 e 40%. Registou-se ainda o aumento dos homicídios conjugais: de 4,5% em 2007 para 13,2% em 2011 (**mais informação na página 47**). ■ D.C.



TIAGO SOUSA DIAS

Andreia Machado, U. Minho



ID: 50872102

19-11-2013

Estatísticas da violência doméstica contra os homens estão viciadas «pela vergonha e pelo medo»

As estatísticas mostram que a maioria das vítimas de violência doméstica são mulheres, facto também explicado pela vergonha de os homens apresentarem queixa ou pela dificuldade em reconhecerem-se como vítimas.

Segundo os dados da Associação Portuguesa de

Apoio à Vítima (APAV), mais de 80 por cento das vítimas de violência doméstica são mulheres, mas, segundo a investigadora Andreia Machado, da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, tem havido uma feminização do fenómeno, o que levou à invisibilidade da violência

contra os homens.

De acordo com Andreia Machado, as estimativas internacionais apontam para que entre 25 a 50 por cento das vítimas sejam homens e sublinhou que, relativamente a Portugal, os dados oficiais para 2012 revelam que 15,5 por cento das 26.084

queixas por violência doméstica foram apresentadas por homens.

A investigadora da UMinho apontou que, durante 2012, a APAV foi procurada por 646 homens, ao mesmo tempo que revelou que têm também aumentado os homicídios conjugais femininos.

«O único estudo que conhecemos específico em Portugal foi realizado em 2009 pelo Instituto Nacional de Medicina Legal do Porto, que revela que, das 535 vítimas atendidas, 11,5 por cento eram homens», disse a investigadora.

Relativamente ao estudo que levou a cabo, em que

inquiriu 1.557 homens, a investigadora revelou que os resultados mostraram que 69,7 por cento admitiu ter sido vítima de, pelo menos, um comportamento abusivo nos últimos 12 meses, número que aumentou para 76,4 quando analisada toda a vida.

Redação/Lusa



PSP informa alunos sobre 'bullying' e 'violência no namoro'

Dando continuidade ao ciclo de acções de informação e sensibilização em parceria institucional entre a P.S.P. e a Associação de Apoio à Vítima, foram realizadas duas acções abrangendo as temáticas "Violência no Namoro" e "Bullying" direccionadas a 180 alunos e 8 docentes da Escola Básica e Secundária "Cardeal Costa Nunes" no concelho da Madalena do Pico. As presentes acções foram acompanhadas e ministradas

por uma técnica da "APAV" e 3 elementos policiais da esquadra local.

Foi detida no interior do Tribunal Judicial de Angra do Heroísmo, por ordem da Digníssima Procuradora, uma mulher, de 49 anos de idade, por perturbação da ordem e tranquilidade pública do Tribunal. No dia 14 do corrente ocorreram 12 acidentes de viação, dos quais resultaram dois feridos ligeiros e danos materiais.



Rede de Apoio à Vítima ensina a “agir” à violência

APAV Com o objectivo de «sensibilizar a comunidade para a problemática da violência doméstica» e «partilhar experiências de intervenção e uniformizar procedimentos», a Rede Interinstitucional de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica (RIAVVD), prossegue amanhã com o ciclo de encontros “Agir na violência doméstica”, com a terceira sessão, desta vez sobre a “Intervenção da Associação de Apoio à Vítima” (APAV).

Um encontro que tem como interveniente, a psicóloga Ana Raquel Simão, a realizar na Casa do Paço, às 16h30, sendo a entrada livre e aberta ao público em geral. A RIAVVD na Figueira tem como parceiras entidades como a Goltz de Carvalho, Casa N.ª Sr.ª do Rosário, Centro Social da Cova Gala, delegação da CVP, Associação Fernão Mendes Pinto, autarquia, Instituto de Segurança Social, Centro de Saúde e Direcção Geral de Serviços Prisionais. ◀



A intervenção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima em debate

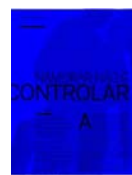
●●● A Rede Interinstitucional de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica (RIAVVD) da Figueira da Foz realiza amanhã a terceira sessão do seu “Ciclo de Encontros”. A iniciativa terá como mote a intervenção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), será dinamizada pela psicóloga Ana Raquel Simão e decorre

a partir das 16H30.

Destaque-se que a RIAVVD desenvolve a sua intervenção no concelho da Figueira da Foz, desde 2004, tendo como intuito “conjugar esforços numa colaboração efetiva com vista à dignificação humana das vítimas e à transformação das condições familiares potenciadoras do comportamento

abusivo”.

A rede presta apoio psicológico e social, atribui serviços como Ministério Público, Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, PSP, GNR, Casas Abrigo e escolas, entre outros e faz o acompanhamento dos utentes. A sessão de amanhã tem entrada livre e aberta a todos os interessados. **C.T.**



COMPORTAMENTO

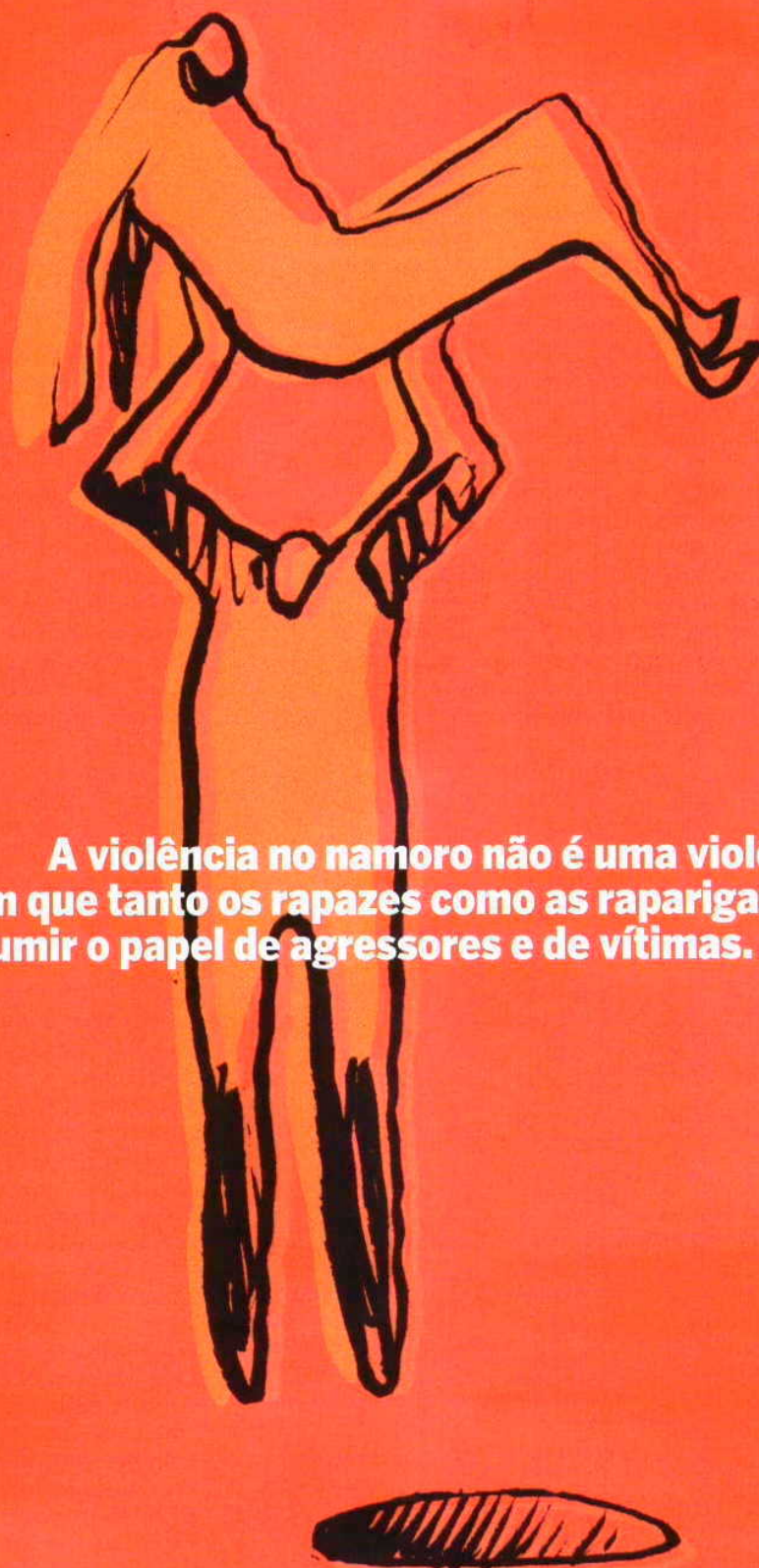
NAMORAR NÃO É CONTROLAR

TEXTO DE CÉLIA ROSA

Namorar não é só beijos, abraços, flores e chocolates. No namoro juvenil há muita violência e os agressores são os rapazes, mas as raparigas também. Eles recorrem mais à força, elas ao abuso psicológico. Todos desvalorizam as agressões e muitos confundem ciúme, controlo e violência com sinais de afeto.

A porta do gabinete está sempre aberta, o telemóvel ligado e a enfermeira Fátima Esteves tem toda a disponibilidade para atender quem a procura na Unidade de Cuidados na Comunidade Consigo, em Alcântara. Foi sempre assim nos mais de 30 anos de trabalho e em todos os sítios por onde passou. Os pacientes, sobretudo mulheres e jovens, são sempre bem-vindos. Os que têm marcação e os que aparecem fora de horas, quando podem e precisam. Como a Mariana, 17 anos. «Parece que a estou a ver chegar, acompanhada do namorado. Um belo rapaz, bonito, muito atencioso, sempre presente. Vinham porque suspeitavam de que ela estivesse grávida e estavam determinados a ter a criança.» O que também não lhe sai da memória foi o dia em que a Mariana apareceu sozinha. «Tinha terminado o namoro. O namorado chamava-lhe 'puta' durante as relações sexuais, tinha-lhe dado um estalo e agora queria que ela tivesse relações com vários homens.»

Fátima Esteves acompanhou a jovem durante algum tempo e ainda assistiu à reconciliação do casal e a outra rutura. Mas quando ela foi estudar para a Suíça, perdeu-lhe o rasto. À primeira vista, o namorado da Mariana enganou a enfermeira. Mas não é costume. Ela sabe que alguns agressores recorrem a táticas subtis para exercer o controlo sobre as vítimas, ou não tivesse já acompanhado centenas de casos de



**A violência no namoro não é uma violência de género.
Estudos confirmam que tanto os rapazes como as raparigas
podem assumir o papel de agressores e de vítimas.**

COMPORTAMENTO

violência doméstica, muitos passados entre jovens namorados. Por exemplo, Maria, 15 anos, natural de Lisboa. «Também veio com o namorado, estava grávida e quis fazer uma interrupção da gravidez. Precisou de autorização da mãe. O pai batia-lhe e a mãe também. Tinha um irmão com 17 anos que também a agredia. A ela, o namorado já lhe tinha apertado o braço de uma maneira que lhe tinha desagradado. Era um sinal claro de violência.» Fátima Esteves arranhou tempo e meios para trabalhar com o jovem casal e com a mãe dela e é com indisfarçável contentamento que conta que Maria conseguiu quebrar o ciclo da violência: «Ela gostava dele e queria manter a relação. Conseguimos intervir a tempo.»

As situações relatadas pela enfermeira Fátima Esteves repetem-se na vida de milhares de jovens portugueses. O maior estudo nacional sobre a prevalência da violência do namoro foi feito em 2009 por Sónia Caridade, agora professora na Universidade Fernando Pessoa, no Porto, e envolveu 4667 jovens com idades entre os 13 e os 29 anos. Destes, 25,4 por cento afirmaram ter sido vítimas de, pelo menos, uma agressão no último ano e 30,6 por cento admitiram ter sido agressores. Os atos mais frequentemente referidos foram os abusos emocionais (19,5 por cento) e físicos (13,4 por cento), mas a violência física grave (7,6 por cento) também é expressiva.

Rosa Saavedra, psicóloga da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, no Porto, confirma que violência no namoro não é um problema raro e diz que os nossos dados retratam uma realidade que tem vindo a ser demonstrada em diversos estudos internacionais. E saber que um quarto dos jovens já terá sido vítima é preocupante, o que mais inquieta a coordenadora do Grupo de Trabalho de Avaliação do Risco da APAV Porto é a desvalorização das agressões. E exemplifica: «Grande parte dos jovens não reconhece o ciúme e o controle como comportamentos agressivos. Acha que são expressões de afeto.»

A enfermeira Fátima Esteves compara este erro de perceção à relação que os jovens têm com o álcool, em que acham normal embebedarem-se, minimizando os riscos do alcoolismo e de outras doenças: «O ciúme, que está na origem de grande parte das agressões entre jovens namorados, é visto como um sentimento positivo. É um sinal de amor.» Só que com o passar do tempo as restrições começam a ser outras. Vascular o telemóvel, as chamadas que a namorada ou o namorado faz e as mensagens que envia e recebe; controlar as fotografias que publica e os comentários que escreve no Facebook são situações frequentemente reportadas pelos jovens como normais e não como uma devassa da sua

A enfermeira Fátima Esteves já acompanhou muitos casos de violência entre jovens namorados e diz que o ciúme e o controlo são os primeiros sinais a valorizar.



GERARDO SANTOS/GLOBAL IMAGENS

ELIMINAR A VIOLÊNCIA
CONTRA AS MULHERES

Amanhã, 25 de novembro, assinala-se mais um Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, e a ONU encoraja os governos dos países a criar e/ou a aperfeiçoar legislação e políticas nacionais destinadas a combater todas as formas de abuso contra as mulheres, incluindo o assédio sexual, a mutilação genital feminina e a violência doméstica. De Portugal, diz-se que tem uma legislação adequada. Mas os números revelam que a violência doméstica ainda é um crime com consequências trágicas: só no primeiro semestre de 2013, e segundo dados da UMAP, foi o que esteve na origem de 20 homicídios e de 21 tentativas de homicídio. As vítimas foram todas mulheres.

Já as estatísticas do Ministério da Justiça mostram que, em 2012, a PSP e a GNR registaram 22 254 crimes de violência doméstica (entre cônjuges ou entre pessoas com relação análoga, incluindo o namoro) e identificaram 1099 suspeitos de agressão com idades entre os 16 e os 24 anos e treze com menos de 16 anos. No mesmo ano, o número de processos por violência doméstica findos nos tribunais de 1.ª instância ascenderam a 2470. Desconhece-se o número de condenações e quais as penas aplicadas no ano passado. Mas sabe-se que a esmagadora maioria dos agressores condenados a pena de prisão acaba por ficar em liberdade, com pena suspensa. Também em 2012, a APAV registou 16 970 crimes praticados no âmbito da violência doméstica. Os de maus tratos psíquicos (6085 casos) e de maus tratos físicos (4530 casos) foram os mais frequentes, seguidos dos crimes de ameaça e coação (2995 casos), de injúria e difamação (1647 casos) e de natureza sexual (264 casos). Nos crimes cometidos contra crianças e jovens (até aos 18 anos), os namorados foram apontados como agressores em 11 situações e os ex-namorados em cinco casos. Entre os 898 agressores referenciados nesse grupo, 27 tinham idade entre os 18 e os 24 anos e outros tantos tinham entre 11 e 17 anos. Entre os adultos vítimas de crime, há 473 jovens com idades entre os 18 e os 24 anos. Neste grupo, o cônjuge é o agressor mais frequente (2505 casos), seguido do companheiro (1007 casos), do ex-companheiro e do ex-cônjuge (981 casos), do ex-namorado (160 casos) e do namorado (109 casos). Quanto à idade, 188 agressores tinham entre 18 e 24 anos e 48 tinham entre 11 e 17 anos. Tanto nos crimes contra crianças e jovens como contra adultos, em 80 por cento dos casos os agressores são do sexo masculino.



**Se os jovens não romperem o ciclo de violência,
passam a viver em tensão permanente, o que aumenta o risco
de desenvolverem problemas psicológicos.**



**A violência no namoro não é um problema raro:
um em cada quatro jovens foi vítima de agressão no último ano.**



LEONEL CASTRO/GLOBAL IMAGENS

Cecília Loureiro, psicóloga na UMAR, destaca a necessidade de aumentar a sensibilidade dos jovens e das jovens para o respeito pela diferença e igualdade de género.

privacidade. «Mas daí até à proibição de sair sozinha ou com amigos, passando pelas ofensas e afirmações feitas com objetivo de ferir e humilhar, vai um pequeno passo», adverte Rosa Saavedra. E se nada for feito, vêm os gritos e as ameaças, as intimidações, as bofetadas, os murros, os pontapés, os atos sexuais contra a vontade, as perseguições e o medo. «O medo de ser ainda mais maltratada, o medo que o namorado concretize as ameaças, o medo de abandonar aquela relação», acrescenta Fátima Esteves.

ELAS TAMBÉM AGRIDEM

Quando os jovens consideram os ciúmes e o controlo uma coisa natural, é provável que os problemas se agravem com o tempo, confirma Loureiro. A psicóloga da UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta também está alarmada com a desvalorização da violência e com os dados recolhidos no âmbito dos projetos Mudanças com Arte – Jovens Protagonistas na Prevenção da Violência de Género, que estão a ser desenvolvidos em 13 escolas da região norte desde 2008. Ela conta que num estudo efetuado junto de 885 estudantes, 22 por cento dos rapazes e 10 por

COMO SE MANIFESTA?

A violência no namoro pode assumir várias formas. Pode ser física, psicológica ou emocional, e quem a exerce tem sempre como objetivo controlar e dominar o parceiro. A violência no namoro é sempre intimidante, e se os jovens não romperem o ciclo – por si sós, com ajuda da família, de professores ou de profissionais de saúde – começam a viver atemorizados e em tensão constante, o que aumenta o risco de desenvolverem problemas psicológicos (baixa autoestima, ansiedade, medos, perturbações do comportamento alimentar, depressão, etc.), insucesso escolar, abuso de álcool e outras drogas, entre outros.

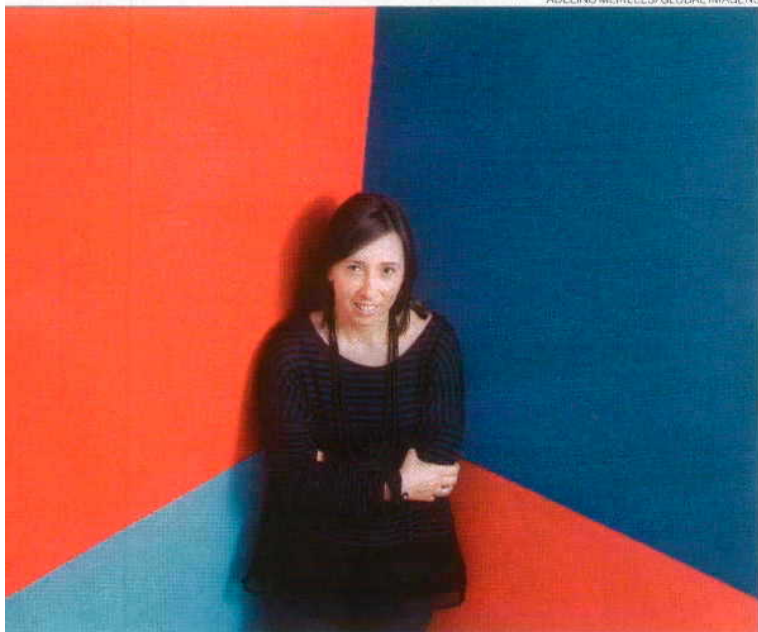
Violência física: bofetadas, empurrões, mordidas, socos e pontapés, etc.

Violência sexual: atos sexuais não consentidos, contactos corporais, relações sexuais e todas as pressões.

Violência psicológica: ameaças, perseguições, esperas, proibições, críticas, humilhações e outras agressões verbais. E controlo das conversas com os amigos, com a família, etc.

COMPORTAMENTO

ADELINO MEIRELES/GLOBAL IMAGENS



cento das raparigas consideram que «chamar nomes» não é violência. E quase 16 por cento dos rapazes e cinco por cento das raparigas entendem que ameaçar «é um ato normal.» Mas as surpresas não ficam por aqui. Metade dos rapazes e 42 por cento das raparigas encaram com normalidade a proibição de sair com amigos sem o respetivo namorado e as proibições para vestir uma peça de roupa. O controlo do telemóvel, dos e-mails e das passwords das redes sociais também são considerados «comportamentos de não-violência» para mais de metade dos jovens e para 43 por cento das raparigas. Mas há mais. Os números mostram que um quarto dos alunos e 16 por cento das alunas acreditam que «obrigar a fazer coisas que o outro não queria fazer» não é uma ação desadequada. E quanto à agressão física, «sete por cento dos rapazes consideram que bater sem deixar marca não é violência, sendo que cerca de seis por cento defendem que agredir não é, de todo, violência».

Cecília Loureiro destaca a percentagem mais elevada de rapazes que limitam a liberdade das namoradas e salienta a necessidade de aumentar a sensibilidade dos jovens e das jovens para o respeito pela diferença e pela igualdade de género: «Confirmamos que as raparigas não se querem deixar ficar atrás. Funcionam segundo a lógica do «batestes, então também levas». Para muitas, igualdade de oportunidades é esta escalada de violência.»

A psicóloga Rosa Saavedra também é perentória ao afirmar que a violência no namoro não é uma violência de género: «Há reciprocidade e simetria de atitudes e comportamentos e tanto os rapazes como as raparigas podem assumir o papel de agressores e de vítimas.» O que os estudos demonstram é que a severidade dos atos praticados pelos rapazes é maior, enquanto as raparigas são mais subtis: «Em regra, a violência é praticada como uma reacção à violência. As raparigas usam mais a violência psicológica, os rapazes exercem mais a violência física. O cyberbullying, que é uma nova forma de violência, é exercido por ambos.»

A enfermeira Fátima Esteves concorda, mas lembra que apesar de também haver rapazes vítimas de violência, há mais muito mais vítimas entre as raparigas. E Cecília Loureiro volta a falar dos estereótipos sociais: «Desde cedo, somos educados de forma distinta em função do sexo. Os rapazes são estimulados a brincar com carrinhos, a valorizar a ação e a força física. Às meninas oferecem-se bonecas e deseja-se que sejam obedientes, delicadas, direi mesmo submissas.» Para a psicóloga, esta ordem social, que faz das mulheres subordinadas e atribui aos homens o controlo e o poder, tende a perpetuar a violência de género durante a vida.

A psicóloga

da APAV Rosa Saavedra estudou a violência nos relacionamentos íntimos juvenis e diz que pode ser prevenida se se ensinar os jovens a gerir conflitos de forma positiva.

PREVENIR ANTES DE REMEDIAR

Perceber porque é que os jovens se agredem não é tarefa fácil, mas quem está no terreno identifica algumas razões. Viver e crescer numa família violenta aumenta o risco de vir a desenvolver comportamentos violentos: «As relações familiares influenciam a nossa capacidade de regular emoções, as pessoas que vivem em ambientes agressivos tendem a ter mais dificuldade em controlar os seus impulsos. Também me parece que muitos jovens desvalorizam as agressões no namoro porque, para eles, a

violência doméstica é um problema dos adultos, das pessoas casadas, dos seus pais, por exemplo», afirma a enfermeira Fátima Esteves. Já a psicóloga Rosa Saavedra identifica outro factor: «Não sabem gerir conflitos de forma positiva. Os jovens têm informação e acesso à informação, o que eles não têm é quem os ajude a tomar decisões, a ser capazes de emitir opinião, a perceber se a sua opinião se assemelha ou se distingue da opinião da maioria, etc. Os jovens precisam de treinar estas competências, e isto devia fazer-se na escola.»

Devia, mas não se faz. Ou melhor, nas escolas desenvolvem-se ações pontuais, quase sempre por iniciativa das organizações da sociedade civil que se dedicam à prevenção da violência doméstica e da violência de género. Mas é preciso ir mais longe, diz Rosa Saavedra. Ela sabe do que fala. Depois de fazer a tese de doutoramento sobre a violência no namoro – *Prevenir antes de Remediar: Prevenção da Violência nos relacionamentos íntimos juvenis* – e de desenvolver várias ações sobre o tema em contexto de escola, acabou por adaptar o programa canadense The Fourth R a Portugal: «É um currículo de prevenção universal da violência no namoro e comportamentos de risco associados que a APAV desenvolveu durante dois anos letivos na Escola Secundária Inês de Castro, em Vila Nova de Gaia.»

A ação foi executada na disciplina de Área Projecto (entretanto extinta), envolveu a formação de professores e a preparação de manuais, vídeos e outros materiais didáticos e foi monitorizada. E Rosa Saavedra ficou muito satisfeita com os resultados alcançados: o aumento de conhecimento dos jovens, a diminuição das atitudes de tolerância à violência e uma redução da violência física no namoro: «Há um antes e um depois do programa. Os alunos passaram a distinguir uma relação saudável de uma relação não saudável, a conhecer os direitos e os deveres de cada parceiro numa relação, a identificar comportamentos abusivos, a reconhecer os fatores que conduzem a relacionamentos sexuais saudáveis.» E é com este tipo de ferramentas que Rosa Saavedra está convencida de que se pode prevenir o problema. E no prevenir é que está o ganho. ●

**APAV****Jornadas Contra a
Violência Doméstica
hoje na UMinho**

Hoje, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, realiza-se a primeira edição das Jornadas Contra a Violência Doméstica, na Escola de Direito da Universidade do Minho. Este evento é organizado pela APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, com o Mestrado em Direitos Humanos da Escola de Direito da Universidade do Minho e a ELSA — European Law Students' Association - Universidade do Minho.



ID: 50973224

25-11-2013

UMinho recebe jornadas pela eliminação da violência contra as mulheres

O Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres é assinalado hoje, na Escola de Direito da Universidade do Minho (UMinho), com a realização da primeira edição das Jornadas Contra a Violência Doméstica.

Este evento é organizado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em parceria com o Mestrado em Direitos Humanos da Escola de Direito da Universidade do Minho e a ELSA – European Law Students' Association – UMinho.

Esta iniciativa conta com a presença de Marlene Matos (Escola de Psicologia da UMinho), Hernâni Veloso Neto (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto), Silva Freitas (Equipa Distri-

tal de Emergência Social de Braga) e J. Pinto da Costa (professor catedrático de Psicologia Forense e Medicina Legal), entre outros.

A primeira edição das Jornadas Contra a Violência Doméstica reúne, assim, várias perspetivas e olhares sobre a violência doméstica, quer da multidisciplinaridade de experientes profissionais que intervêm e apoiam diretamente estas vítimas, dos académicos que estudam a temática, quer das próprias vítimas.

No mesmo dia, em Lisboa, a APAV irá promover uma ação de sensibilização para esta questão, que terá lugar na rua Augusta.

A APAV recorda que o fenómeno da violência doméstica contra as mulheres abrange vítimas de todas as condições e estratos sociais e económicos; e que os seus agressores

também são de diferentes condições e estratos sociais e económicos.

De acordo com os dados da APAV, as mulheres representam mais de

81 por cento das pessoas atendidas na sua rede nacional de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima.

A APAV refere que, «numa altura em que a

crise económica e as medidas de austeridade aumentam em Portugal, receia-se que a situação destas mulheres se agrave bastante, quer pela inten-

sidade da violência sofrida diariamente, quer por que as vítimas encontrarão maiores dificuldades em reformular ou reconstruir as suas vidas».



Editorial

PAULO SIMÕES

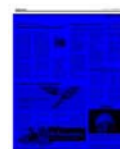
Uma realidade dolorosa

A história contada na edição de segunda-feira do Açoriano Oriental, a respeito das famílias que se prostituem para tentar sobreviver a esta crise sem fim, não pode cair no vazio da nossa memória, nem deixar inertes as autoridades competentes e ser olhada com óculos de falso moralismo.

O que ali é contado é demasiado grave para que não mereça uma atenção coletiva e o esforço de todos no sentido de acabar em definitivo com tamanhas situações de miséria moral e económica. Não pode deixar de causar revolta que um homem convença a própria mulher a prostituir-se porque o casal necessita do dinheiro para comer. A que ponto chegamos? E os filhos do casal? Queremos mesmo acreditar que as crianças não percebem as coisas dos adultos? Que todo este cenário de degradação humana lhes passa ao lado? Que a conveniência não nos transforme em cínicos ingênuos!

Este é um caso único? Não, claramente não. Por agora, e tal como acontecia com a pedofilia e os abusos sexuais de menores, a sociedade açoriana cala-se, permanece cega, surda e muda aos horrores que conhece da “casa do lado”. Como refere o advogado Ricardo Pacheco apenas “1 em cada 5 casos é que chegam ao conhecimento das autoridades”, ou seja, apenas 20 por cento dos casos.

Este caso relatado pelo Açoriano Oriental é apenas a ponta de um iceberg que nos deve manchar a todos de vergonha. Helena Costa, da APAV, revela ter conhecimento de “miúdas que fazem da prostituição um meio de vida” e que “há pais que metem os filhos na prostituição”. Contudo e como admite Helena Costa, do conhecimento à denúncia vai um longo caminho dominado pelo medo e pela vergonha. Se alguém tiver dúvidas sobre este submundo micalense basta circular na antiga estrada da Ribeira Grande e pelas imediações das residências universitárias para ver uma pequena amostra de uma realidade perturbadora e preocupante. Aliás, sobre este submundo sórdido, Ricardo Pacheco, advogado e presidente da AIM, é perentório “por vezes aqueles que exercem a sua atividade profissional no foro judicial, acreditam que aquilo que se vê nos filmes de ficção infelizmente não é assim tão insólito”. A realidade é bem pior do que a ficção e é dolorosa. ♦



Espaço IPDJ



Candidaturas aos PAAJ

Programas de Apoio ao Associativismo Jovem 2014

Encontram-se abertas as candidaturas aos Programas de Apoio ao Associativismo Jovem:

- PAJ – Programa de Apoio Juvenil,
- PAI – Programa de Apoio Infraestrutural e
- PAE – Programa de Apoio Estudantil

para o ano de 2014, nas modalidades anual e pontual.

As candidaturas anuais, cujo prazo decorre entre **20 de novembro e 20 de dezembro** de 2013 devem ser efetuadas on-line no Portal da Juventude, em www.juventude.gov.pt, a partir dos formulários disponíveis na área de Associativismo. (No presente ano não se prevê a prorrogação do prazo).

As candidaturas pontuais devem respeitar um prazo

de antecedência de 60 dias úteis, em relação ao início das atividades e podem ser feitas em qualquer altura, desde a presente data.

| Candidaturas |

Para se candidatar, é necessário usar:

a password e

O **username** que criou, enquanto responsável máximo da Associação/ entidade a que pertence, como registo específico no Portal (este registo é diferente do registo regular, pois foi feito a partir do deferimento do processo RNAJ da sua entidade).

| Sessões de esclarecimento |

Haverá ainda sessões de esclarecimento nos serviços do IPDJ da região onde se encontra a sede da sua entidade:

Distrito	Local	Data de cada sessão	Hora
Aveiro	Loja Ponto JA Oliveira de Azeméis	05-12-2013	18:00
Aveiro	IPDJ	10-12-2013	18:00
Castelo Branco	IPDJ	06-12-2013	18:00
Castelo Branco	IPDJ	10-12-2013	16:00
Coimbra	IPDJ	25-11-2013	17:00
Guarda	IPDJ	27-11-2013	20:30
Guarda	IPDJ	13-12-2014	20:30
Leiria	IPDJ	04-12-2013	17:00
Viseu	IPDJ	05-12-2013	18:00
Viseu	IPDJ	10-12-2013	18:00

1) - Prepare a candidatura, sem a submeter até esclarecer as dúvidas, podendo depois submeter a mesma, devidamente informado.

2) - Para poder aceder ao formulário e ver considerada válida a candidatura, o processo RNAJ da sua Associação deve estar regularizado.

3) - Alertamos ainda que, juntamente com a candidatura,

é obrigatória a entrega, no prazo máximo de 10 dias úteis após a submissão, das certidões de finanças e segurança social ou autorização para a sua consulta.

As entidades com dívidas, conforme previsto no nº 2 do artigo 22º, Secção III da Lei 23/2006 de 23 de Junho terão as candidaturas canceladas e suspensos quaisquer direitos decorrentes da inscrição RNAJ.



mente, ser marcadas nos seguintes horários:

- 10h - 11h30 |
- 11h30 - 13h
- 14h - 15h30
- 15h30 - 17h.

Mais informações na Loja Ponto JA do IPDJ de Aveiro e no Portal da Juventude:

www.juventude.gov.pt

rios, educadores e cidadãos em geral.

As sessões informativas, nas Lojas JA do IPDJ, têm a duração de 90 minutos e são compostas por exposição sumária, suportada em apresentação multimédia, de conceitos relacionados com segurança no computador pessoal, navegação inteligente/crítica, comunicação online, lazer, redes sociais, vírus e malware.

Numa segunda parte haverá o esclarecimento de dúvidas e a realização do Quiz Net Fit com atribuição do respetivo certificado de participação

As ações de sensibilização devem, preferencial-

Projeto de Voluntariado
“Navega (s) em Segurança?”

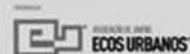
A Linha Ajuda Internet Segura promove de 11 de novembro a 20 de dezembro a realização de sessões de sensibilização “Navega(s) em Segurança?” com o objetivo de divulgar e promover a utilização da “Linha” e alertar, informar e consciencializar proativamente as crianças, os jovens, os educadores e os cidadãos seniores para a importância da presença e convivência seguras no mundo digital.

A iniciativa desenvolve a utilização responsável e segura da Internet e destina-se a dois grupos de cidadãos. Os primários englobam as crianças e jovens dos 6 aos 18 anos e seniores com mais de 65 anos, e os secundá-

Jantar de solidariedade



JANTAR LIGA-TE À CORRENTE
29 NOV



A Associação de Jovens Ecos Urbanos realiza, no dia 29 de novembro, pelas 20:00 horas, na Torre da Oliva, em São João da Madeira, o

“Jantar de Solidariedade – Liga-te à corrente”.

A associação juvenil pretende, este ano,

angariar fundos para a compra de material de som e luz.

O jantar custa 15 Euros e será animado

com o espetáculo “Muito riso muito siso”.
Confirmações para:
Tel: 256 824 532 / 969
849 744 - Email:
geral@ecosurbanos.pt



circuito português de música ao vivo
OUTONALIDADES®
17ª edição | 22 set a 19 dez 2013
www.dorfeu.pt/outonalidades

29 novembro | 23h | **Djabaté** | Bar do Cine-Teatro de Estarreja
Mais informações em www.dorfeu.pt/outonalidades

“Olha”



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove a exposição de fotografia “Olha” que está a percorrer a região centro, numa parceria com o IPDJ, estando patente em Aveiro, na Loja Ponto JA, de 26 de novembro a 5 de dezembro.

Esta exposição reúne um conjunto de trabalhos do fotógrafo **Valter Vinagre**, sendo o resultado de uma colaboração com a APAV, com o objetivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal.”



Quarenta “cadáveres” na rua fizeram parar turistas

APAV assinala dia no centro de Lisboa. Em Bragança, aumentam casos de violência contra ex-prostitutas

**Clara Vasconcelos
e Glória Lopes**
sociedade@jn.pt

QUARENTA sacos negros, dos usados para cadáveres, alinhados na Rua Augusta, Lisboa. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) escolheu assinalar assim o Dia Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra as Mulheres. Ao lado dos sacos, tantas quantas as mulheres mortas em 2012, lápides em cartão, com iniciais, idade da vítima, o agressor e o motivo.

O ciúme aparece várias vezes. Estrangulamento, recurso a arma de fogo ou arma branca, asfixia, agressão com objeto... Os “cadáveres” ali-



Sacos simularam assassinatos ocorridos no ano passado



CPLP lançou ontem campanha contra violência

nhados na rua prenderam a atenção. Vários turistas fotografaram. Daniel Cotrim, da APAV, diz que os homicídios passaram de 40 para 33 este ano não é um decréscimo. “A crise tem colocado as mulheres num patamar de maior vulnerabilidade. Têm medo da vida e é mais difícil arriscarem a sua autonomização”, disse, adiantando que as queixas continuam, sobretudo de quem pretende uma “avaliação do risco e um plano de segurança pessoal”. Não se acham capazes de sair.

O Núcleo de Apoio à Vítima de Bragança tem recebido mais queixas de imigrantes brasileiras contra os companheiros. Muitas foram prostitutas e são casadas com homens da região. Só em 2012 foram 14 casos, em 191 novas situações reportadas.

Ontem, vários membros do Governo estiveram na sede da Comunidade de Países de Língua Portuguesa para lançar campanha de sensibilização.●

JOÃO CIRÃO / GLOBAL IMAGENS

NUNO LOMBA / GLOBAL IMAGENS



JOÃO GIRÃO/GLOBAL IMAGENS

Cadáveres na Baixa alertam para violência doméstica

LISBOA A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima espalhou ontem pela Rua Augusta, em Lisboa, sacos de cadáveres para assinalar o Dia Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra as Mulheres. Os sacos colocados como numa morgue ou na zona de um acidente, representavam as 40 vítimas mortais de violência doméstica em 2012. Um manequim simulava o corpo e cada saco identificava a vítima pelo género, pela relação com o agressor, motivo do crime e tipo de agressão. A ação chocou

quem passava, "estava a pensar como acontece uma coisa destas, as pessoas não nasceram para isto", desabafou um transeunte. Em Lisboa, apenas um terço das acusações do Ministério Público por violência doméstica resultou em condenação. Os dados do Departamento de Investigação e Ação Penal referem-se ao período de março de 2010 a outubro de 2013. Desde a criação da unidade em Lisboa, foram formuladas 627 acusações relacionadas com violência doméstica e apenas 201 acabaram em condenação.

APAV

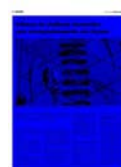
Sacos evocam vítimas mortais

→ 40 sacos de cadáveres foram colocados para recordar mulheres alvo de violência doméstica

TIAGO PETINGA/LUSA

**Importante chamada de atenção**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) colocou ontem, na rua Augusta, em Lisboa, sacos de cadáveres com um manequim no interior, de forma a simular um corpo, numa alusão às 40 vítimas mortais registadas em 2012. No mesmo dia, foram revelados dados do Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA) que indicam que, só este ano, já foram mortas 33 mulheres.



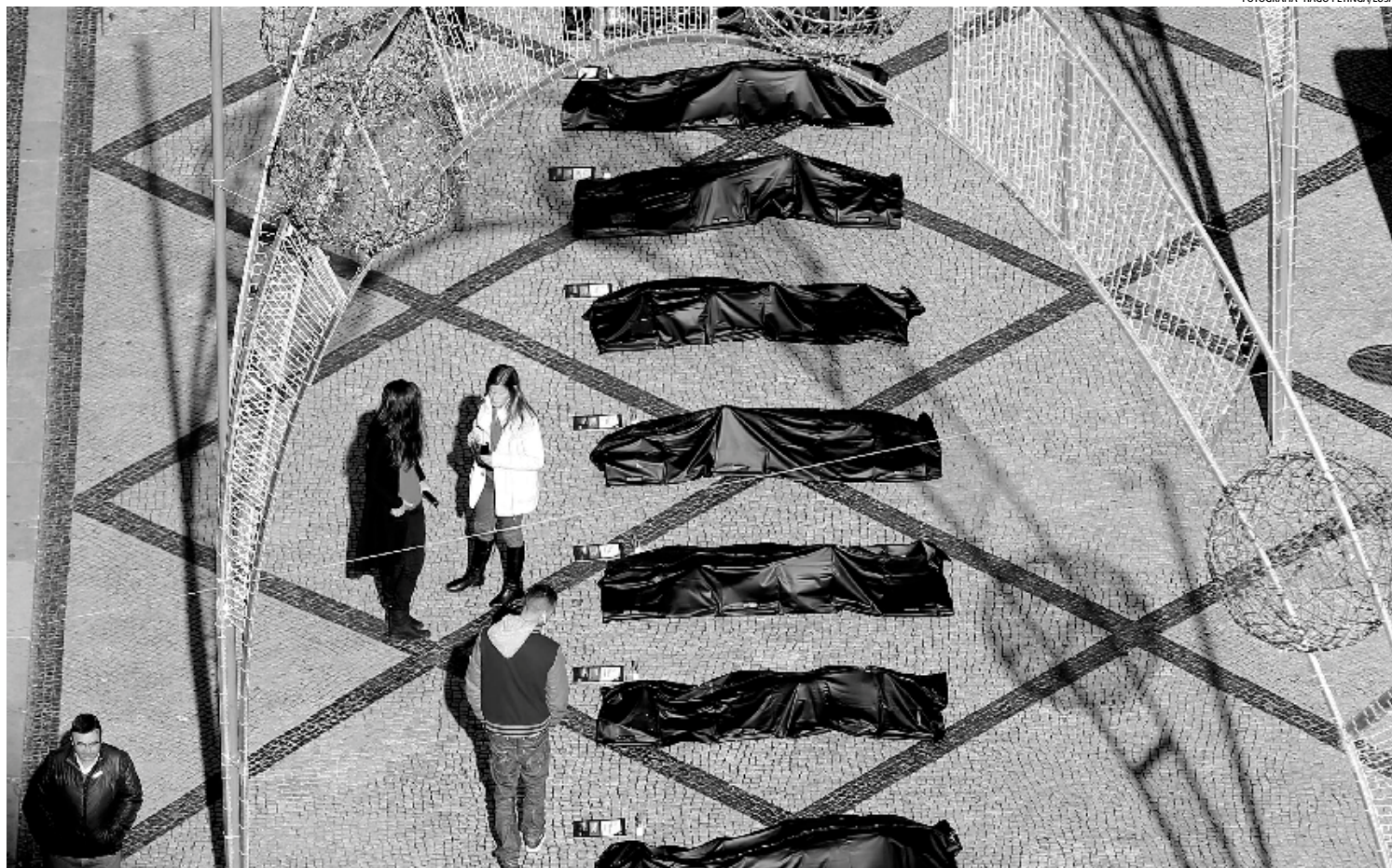
ID: 50995302

26-11-2013

PLANO ABRANGEU QUASE 1 400 MULHERES, 26 HOMENS E 230 AGRESSORES EM TODAS AS ILHAS

Vítimas de violência doméstica com acompanhamento nos Açores

FOTOGRAFIA TIAGO PETINGA/LUSA



PROTESTO Sacos de plástico representando os cadáveres de vítimas de violência doméstica estiveram expostos ontem na baixa de Lisboa

No âmbito de um plano regional, que esteve em vigor até 2012, foram acompanhadas 1 400 vítimas de violência doméstica e 230 agressores.

O I Plano de Prevenção e Combate à Violência Doméstica nos Açores permitiu o acompanhamento de 1400 vítimas e 230 agressores em três anos.

A medida esteve em vigor entre 2010 e 2012, tendo sido apresentado ontem, em Ponta Delgada, um relatório da sua avaliação, instrumento que servirá também de base para definir as orientações do segundo, que entrará em vigor em 2014.

O projeto implicou um investimento de 1,5 milhões de Euros do Governo Regional e levou à criação de polos de acompanhamento de vítimas nas nove ilhas (antes só existiam estruturas desse tipo em São

Miguel, Terceira e Faial), a desenvolver o programa “Contigo”, de acompanhamento dos agressores, com vista à sua reabilitação e não reincidência (considerado pioneiro a nível nacional e entretanto alargado a outras zonas do país) ou levar a cabo campanhas de sensibilização junto de diversos grupos, como os jovens.

Segundo dados revelados pela secretária regional da Solidariedade Social, Piedade Lalande, foram acompanhadas 1400 vítimas no período de vigência do primeiro plano, 26 das quais eram homens. Em 900 casos, as vítimas não voltaram a viver casos de violência.

No que toca aos agressores, foram

acompanhados 230 e mais de 50 por cento não reincidiram, resultados que Piedade Lalande considerou muito positivos.

A governante regional destacou como aspeto essencial que aqueles 1400 casos não são meras denúncias, mas vítimas que foram efetivamente “encaminhadas, trabalhadas e ajudadas diretamente” por equipas multidisciplinares que estiveram no terreno a acompanhar os casos.

De acordo com Piedade Lalande, “os Açores não são forçosamente a região com mais violência doméstica do país”, mas “porventura a região com mais visibilidade de denúncias, o que, em bom rigor, é positivo, por ser sinal de que para as vítimas açorianas já não é difícil procurar ajuda”.

Acrescentou que existem espaços de atendimento e “de emergência” em todo o arquipélago “e qualquer vítima, em qualquer ilha dos Açores

tem uma resposta de proteção”.

MENOS PARTICIPAÇÕES

Segundo os relatórios anuais de Segurança Interna, do ministério da Administração Interna, houve, nos Açores, 1156 participações de violência conjugal, em 2012 (tinham sido 1238 em 2011 e 1259 em 2010). No total do país, houve 26.084 participações às forças de segurança no ano passado, sendo o distrito de Lisboa a região com mais casos denunciados (5.593).

A UMAR revelou que em 2013 foram assassinadas 33 mulheres, em todo país, uma das quais nos Açores, vítimas de violência doméstica. O Dia Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra as Mulheres, foi assinalado ontem em Lisboa com uma exposição na baixa da cidade com sacos de plástico a simbolizar os cadáveres de mulheres assinaladas o ano passado. ■



Violência doméstica já causou este ano a morte a 33 mulheres

Vítimas Relações de intimidade, presentes ou passadas, com o agressor, representam 73% do total de femicídios



LUSA

40 sacos pretos foram colocados pela APAV no centro de Lisboa

Trinta e três mulheres foram mortas este ano pelos seus actuais ou ex-companheiros, a maioria em contexto de violência doméstica, segundo dados do Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA) da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR).

Os dados do OMA mostram que até ao dia 20 de Novembro se registaram 33 homicídios e 32 tentativas de homicídio. Nos doze meses de 2012, houve 40 homicídios, 53 tentativas de homicídio, num total de 93 crimes.

No relatório do OMA consta que, do total de vítimas assassinadas, 58% mantinham uma relação de intimidade com o homicida, havendo também 15% de mulheres que já se tinham separado ou mesmo divorciado. «Verifica-se assim que as relações de intimidade presentes e passadas representam 73% do total dos femicídios noticiados», lê-se no relatório.

Tendência que se mantém desde 2004, altura em que o OMA iniciou a elaboração dos relatórios anuais, sendo que, do

total de 350 vítimas nestes 10 anos, 224 foram mortas pelo marido, companheiro, namorado ou no seio de outra qualquer relação de intimidade.

Fazendo uma caracterização da vítima, o trabalho da UMAR revela que este ano 43% das vítimas tinham entre 51 e 64 anos, logo seguido do grupo etário com mais de 65 anos (21%).

Já em relação aos homicidas, a maioria (58%) divide-se equitativamente entre o grupo etário com idades entre os 24 e os 35 anos e o grupo etário com mais de 65 anos.

Março foi o mês no qual ocorreram mais femicídios, com nove crimes, logo seguido de Junho, com cinco, e de Julho e Outubro, com quatro mortes.

O OMA afirma que 61% das mulheres assassinadas viviam num contexto de violência doméstica. Prova disso está no facto de 73% dos homicídios terem ocorrido na própria casa da vítima.

Ontem assinalou-se o Dia Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra as Mulheres.◀



SOCIEDADE REDES SOCIAIS



Millennium BCP	
Procedência:	Normal
NIB - Conta Destino:	0033 0000 45381 572027 05
IBAN:	PT50 003 300004 5381 572027 05
Nome do beneficiário:	Leonor Afonso Coutinho
Descrição para a conta destino:	Crédito a favor para a Leonor
Moeda:	EUR
Montante:	1,00 EUR



Apoio real Além do amparo emocional, de desconhecidos e de figuras públicas como Aurea (na foto à esq.), chegam via Facebook muitos donativos financeiros

► Através da rede social tem chegado muito amor – e também muito dinheiro. A maioria das pessoas realiza pequenas transferências, de 1, 2 ou 5 euros, deixando no espaço destinado à descrição da transferência bancária mensagens que imitam a linguagem do Facebook: «O nosso sorriso para a Leonor» ou «Força Nonô!», são alguns exemplos gravados nos extratos bancários da conta aberta em nome da menina.

Agora, se os pais assim entenderem, a Leonor poderá realizar o tratamento experimental na Alemanha, que custa cerca de 30 mil euros. Em agosto chegaram a voar para a clínica privada de Duderstadt e só não avançaram de imediato com a vacinação porque o médico Thomas Nesselhut entendeu que seria mais vantajoso que Leonor terminasse primeiro os ciclos de quimioterapia no

Instituto Português de Oncologia (IPO) de Lisboa. Médicos portugueses e germânicos tentam agora comunicar e negociar as melhores opções, o que sucede pela primeira vez desde o precedente aberto pelo caso de Safira Freitas (ver VISÃO de 28 de outubro de 2011), que chegou a ser discutido em Tribunal de Menores, tendo os seus pais arriscado perder a guarda da menina, ao optarem por um tratamento não convencional.

Todas as noites, Vanessa Coutinho dedica duas horas a responder a todas as mensagens

Terminado o protocolo de quimioterapia no IPO, Leonor fará novos exames, esta semana, para determinar o tamanho atual dos tumores e a extensão das metástases – sendo certo que as primeiras análises revelaram resultados classificados como «espetaculares» pela sua médica assistente. Em dezembro, a família saberá qual o caminho a seguir. Com a certeza de que, graças aos seus «amigos» do Facebook, não será por falta de dinheiro que a Nonô desistirá de enfrentar o cancro com todas as armas disponíveis.

O abraço da rede

Num dos últimos dias de tratamentos no IPO, totalmente careca e sem grande energia, a menina deixou-se fotografar com uma placa de ardósia onde a mãe escreveu: «Vou vencer!» Nonô esboçou um sorriso e a rede envolveu-a num grande abraço: mais de 12 mil «Gostos», 900 partilhas e 400 comentários cheios de sorrisos e corações.

É por isto que, todas as noites, a «mãe Vanessa» se senta em frente ao computador, lendo mensagens, respondendo aos comentários ou retribuindo, simplesmente, «gostando» do que centenas de pessoas escrevem sobre a sua filha. «Enche-nos o coração ver como há tanta gente a apoiar a Nonô, seja com dinheiro seja com uma oração ou uma palavra amiga. Nunca conseguiremos retribuir o que nos deram. Passámos dias muito difíceis e foi no Facebook que encontramos, muitas vezes, a força para continuar. Sempre que abrimos esta página, sentimos que não estamos sozinhos.»

Organizações em rede

As instituições nacionais já não dispensam a ajuda do Facebook na promoção das suas iniciativas. Eis alguns exemplos:

AMI - ASSISTÊNCIA MÉDICA INTERNACIONAL

275 064

«Depois de terem regressado a Siargao, os voluntários da AMI nas Filipinas estão de novo a caminho de Leyte, onde vão começar a distribuir 400 kits com alimentos e água potável, além de 800 kg de arroz. A AMI espera que 2000 pessoas possam beneficiar desta ajuda. Nesta quarta-feira, a equipa da AMI vai ser reforçada com mais 4 elementos.»

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

81 950

«Leite, açúcar, azeite, atum, salsichas e óleo. Já escolheu o que quer doar ao Banco Alimentar? Basta clicar em www.alimentestaideia.net»

AMNISTIA INTERNACIONAL PORTUGAL

36 396

«Vão de autocarro, de metro, de carro ou a pé, mas vão: o Live Freedom II é uma grande celebração dos direitos humanos. E é já a 10 de dezembro no Teatro Tivoli.»

APAV - ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA

23 781

«Decorre na Rua Augusta, em Lisboa, uma ação que assinala o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. Na rua estão expostos 40 sacos de cadáveres, que simbolizam as 40 mulheres assassinadas em episódios de violência doméstica em 2012.»

WWW.VISAO.SAPO.PT
ACOMPANHE O VIDEO DE VANESSA COUTINHO NA LEITURA DE MENSAGENS DE APOIO A LEONOR. NA SUA PAGINA DO FACEBOOK